Reg. protocolo nº 144 (folha 15)

DOIS DISCURSOS ACADÊMICOS

(Sessão realizada a 28 de Outubro de 1950, na Academia Amazonense de Letras, para a recepção do doutor Moacyr Rosas, que foi saudado pelo professor Felix Valois Coelho)

MANAUS — AMAZONAS

Reg. protocolo nº 144 (Folha 15)

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Sessão de 13 de Agosto de 1950

Posse do acadêmico Moacyr Rosas, recebido em nome do sodalicio pelo acadêmico Felix Valois Coelho.

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

158

Secção de Artes Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX

AAM 0356

Ao historiador insigne

do Novo Continente, ao poeta

incomparável de "Cleopatra",

ao jornalista incisivo e

incomparável que é

o meu dilecto amigo

o Dr. Mario Ypiranga Monteiro,

com um abraço do

Araujo.

2/1/50 — Manaus.

DISCURSO DO ESCRITOR MOACYR ROSAS

SENHORES ACADÊMICOS:

Todo homem que se torna escritor é um escravo da vaidade ou da vocação.

E a literatura — o mais rosado pomo do arejado e paradisíaco jardim do entendimento humano — é a mais ingrata de todas as inclinações do espírito. No entanto, a sua sedução é tão poderosa e aliciadora como os cantos das louras sereias de que nos falam as lendas gregas. Bastava que os nautas os escutassem para que estivessem na iminência da fatalidade. Os experimentados lobos do mar, conta-nos ainda a fantasia helênica, não ignoravam as desgraças que ameaçavam a todos aqueles em cujos ouvidos caíssem algumas notas divinas e infernais dêsses monstros marinhos, de formas colubrinas, metade peixe, metade mulher. Como quer que seja, morrer no regaço de uma mulher, ainda representada por um monstro delicioso, é preferivel a lhe não escutar jamais o canto diabólico e alucinador.

Assim são os intelectuais. Em toda a parte do mundo é imensa a legião dos que expontaneamente abraçam com ardor o aprendizado literário, sem contudo lograr um êxito compensativo. Balzac, aquela cerebração incomparável, que esculpiu em moldes eternos a "Comédia Humana", e cuja capacidade genial para criar e penetrar a essência das almas não tinha limites, afirmou que o número de miseráveis que se deixam morrer nas águas-furtadas, sem pão, sem leito, sem luz, sem calor, sem oração e sem uma palavra de conforto em honra da literatura, é maior ao dos que perecem na guerra, sacrificados pelos caprichos sádicos dos potentados. Há um doloroso paradoxo na vida dêsses sonhadores anônimos: enquanto se cevam na ilusão das belas letras, entregam-se

depauperados e inquietos nos braços da morte. Desaparecem esquecidos no silêncio do anonimato. Nem os seus irmãos, os galos de Apolo, em poemas épicos, lhe choram a morte, como acontece aos que tombam lavados de sangue no ventre das trincheiras. Nem os gemidos dolentes das guitarras vôam sôbre as suas campas geladas. Mas Deus, que é infinitamente bom, os elege a todos para a bemaventurança de sua côrte celeste. Não é a literatura o passo mais próximo de Deus? Não é nas páginas da Biblia que avulta o espírito do Criador? E a própria Biblia, não é a literatura de Jeová?

E aqueles que, por uma graça divina, escaparam à mortandade e não foram sepultados no olvido, sabem contar a origem de sua história literária.

E a minha história literária começa assim:

Uma tarde, procurei a residência do escritor Pericles Moraes. Negócios completamente divorciados da literatura exigiam alí a minha presença. E, coisa singular, ao esperar que abrissem a porta, eu tinha a impressão que sob as minhas veias se esticavam fios de gelo. Ia defrontar-me, pela primeira vez, com uma das impressionantes figuras contemporâneas de nossa literatura e a maior expressão mental da intelectualidade amazonense.

Escritor diletante, existindo mais pela curiosidade e admiração às belas letras do que pelo prazer de cultivá-las, desde cedo adquiri o hábito de metamorfosear em ídolos todos os escritores de minha simpatia. Quando, porém, imperiósas contingências, adstritas à beleza da fórma e à orientação do pensamento, me obrigavam a discordar de alguns dêles, sentia-me pungentemente acabrunhado, porque, em verdade, eu continuava a vê-los altaneiros e tranquilos, repousando em alfombras de rosas.

Artista eminente, Pericles Moraes já era um dos meus velhos ídolos; e, por isso mesmo, eu tive o receio que o escritor, em pessôa, não correspondesse talqualmente à supremacia aristocrática de sua obra.

Conquistara-me plenamente, como uma força imponderavel e obsessiva, o livro "Legendas & Águas-Fortes", em cuja prosa esmal-

tada há uma verdadeira policromia de belezas imprevistas, que oferecem um espetáculo de cultura onimoda e de radiósa grandeza do coração. Outro livro, que para mim está como o Alcorão para os indomáveis maometanos, é o "Figuras & Sensações", livro que nos empolga pelo fascínio do estilo, aurilavrado em fórmas estuantes, refletindo-lhe a opulência vocabular. Há um frêmito nervoso nessa prosa cujo encantamento entontece e seduz, à maneira das fantasmagorías de "Mil e Uma Noites". Nela transparece algo de sobrenatural, semelhante à lâmpada de Aladim. Dir-se-ia um caleidoscópio maravilhoso, que faz refulgir em nosso cérebro as estranhas palpitações coloridas da pintura de Goya. Nêste livro, como nos demais, o fascinante estilista revela-nos a sua complexa e extraordinária personalidalide de artista. E' admiravel, cintilante, volutuoso, enérgico, perturbante e impulsivo como um cavaleiro medieval. Outras vezes, na sua extrema sensibilidade, deixa-nos transparecer algo do misticismo de Bernardes, para logo depois exsurgir bárbaro e pagão como um sacerdote númida, vivo como uma chama, enleiado nos domínios de sua religião, que é a própria religião da beleza.

E' assim êsse artista que tanto inflamou os primeiros anseios da minha formação literária. E' assim êsse legítimo homem de letras a quem o magnífico escritor espanhol Alvaro de las Casas chamou "o sól da cultura amazônica", e cuja aproximação, face a face, atraindo-me e apavorando-me, eu tanto temera e desejara, tal como aconteceu àquela desconcertante personagem do Eça, na "Correspondência de Fradique Mendes". Mas os sígnos, ainda uma vez, se mostraram favoráveis ao meu destino. Confesso-vos que o nosso encontro foi uma cariciósa decepção. Embevecido com o espírito despretencioso e comunicativo de suas palavras, carinhosamente paternais, que tanto me estimularam a vocação das letras, eu senti, no atordoamento daquela hora de emoção, que estava plantado o marco da amizade que definitivamente me vincularia por toda a vida ao artista privilegiado de "A Vida Luminosa de Araujo Filho". Desde êsse dia memorável, nunca mais deixei de frequentá-lo e ouvir-lhe os ensinamentos. À emulação dos seus conselhos, aprendi a encaminhar-me nos desfiladeiros perigósos da

arte literária, estudando e procurando aprofundar-me nas dificuldades e magnificências dos mestres do nosso idioma.

Eis aí, senhores Acadêmicos. Hoje, como um cometa sem luz (imagem absurda mas verdadeira!) penetro no palácio das inteligências maiores do Amazonas, levado por vossa excessiva generosidade. Bem sei que estou muito longe de merecer a honraria com que me cativastes.

Todavia, não pósso e nem devo esconder o contentamento de que estou possuido, ao ter o contacto das figuras insígnes que adornam o vosso templo, sentindo a volúpia hiperestética desta aproximação com os mais altos valores da terra amazônica.

Que estas palavras de comovida sinceridade vos traduzam o meu tocante reconhecimento, a minha infinita gratidão de humilde servidor das letras, cujas aspirações restritas jamais se alcandoraram a tamanhas altitudes.

* * *

O patrono da cadeira que me agraciastes é Adolfo Caminha. Criou-a Genésio Cavalcante, meu ilustre predecessor, que foi um poeta e homem de letras de relevantes merecimentos. No jornalismo não era apenas o excelente cronista que todos admiravam. Era também um desabusado polemista, demolidor inflexivel de potestades literárias. Sabia com habilidade envolver os inimigos num círculo de ferro, para destroçá-los depois, sob o metralhar de epigramas e sátiras marcialescas.

Amazonense, educado com recursos de estudante afortunado, cujos pais, seringalistas no Juruá, lhe enviavam o necessário e o supérfluo, Genésio Cavalcante formou-se em Direito, ainda muito moço, regressando logo após à terra natal, que o acolheu ruidosamente, devido ao renome que conseguira nas esferas intelectuais da metrópole. Fino degustador dos manjares superexcitantes de Heredia e de Rabelais, e como um principe da Renascença, o seu espírito helênico contornava curiosamente todas as manifestações artísticas e literárias. Poeta parnasiano, os seus sonetos eram joias peregrinas que se não ofuscavam em confronto com os primo-

res do mestre das "Odes Funambulescas". Cinzelava admiravelmente os seus versos, da mesma forma porque esculturavam os seus translúcidos jades os velhos e pacientes artistas chinezes.

Genésio Cavalcante morreu sem fixar no livro as centelhas de sua inteligência. Era muito antiga e conhecida a intenção que tinha de enfeixar, em edição luxuosa, os lindos poemas de "Ouro e Cinzas", assim intitulada essa constelação mirífica, capaz de erigir-lhe a glória. O seu fremente desassocego espiritual nunca o deixou concretizar essa velha aspiração.

Encontrei, inumado no arquivo de um dos seus mais diletos amigos, êste formoso soneto, que é um traço vivo de sua inspiração de artista :

PELO CAIR DAS FOLHAS...

Aos sons dos oboés, dos tristes violoncelos.
— Outra vez a esplender de força e alacridade,
Bem fundo dalma, ó quadra exúl da mocidade!
Ouço-te a voz trauteando alegres ritornelos...

Estância em que floria, aos paternaes desvelos;
Numa alvorada de ouro a incerta puberdade.
Risos, manhãs de sol!... Tudo acorda a saudade
Aos sons dos oboés, dos tristes violoncelos...

Lentas, a um céo de anil, visões de uma outra idade
Vão sombras exsurgindo entre espiraes de anelos,
Revivendo, num beijo, o olôr da virgindade...

Sonhos mortos, volvei! e em rútilos flabélos,
Calmai, de leve, a dôr da minha soledade
Aos sons dos oboés, dos tristes violoncelos...

Não esquecer, também, de Genésio Cavalcante, esta refulgente obra-prima, que o burilador dos "Troféus" não desdenharia :

SEMEADOR

"Alma feita de amor e confiança,
Arando a gleba rústica, trauteias,
E horas de tédio, de amarguras cheias,
Vão se expandindo em trovas de esperança.

Ao fumo que dos colmos das aldeias
Espiralando sôbre o azul bonança.
Eis a imagem da esposa e da criança
Teu duplo enlevo! — e grão a grão semeias.

Semeias... E de súbito a miragem
Num vôo abrindo as asas radiosas,
Aos pés, em vez desta árida paisagem,

Vês pomares, ubérrimos outeiros,
Águas, vinhedos, seáras ondulosas,
— O lar em festa e esplendidos celeiros...

* * *

Adolfo Caminha, notável romancista cearense, nasceu em Aracatí, no Ceará, e morreu no Rio de Janeiro, no dealbar da mocidade, logrando viver um pouco mais do que Casemiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Castro Alves e Junqueira Freire.

O destino lhe reservara uma vida insólita. Aos oito anos, ficara tão próximo da morte, que até a sua própria mãi, dona Maria Firmina Caminha, de bôa familia e dotada de elevados sentimentos religiósos, perdera a esperança de o salvar. Era na verdade alucinador o estado do pimpolho, tanto assim que o caixão para sepultá-lo chegou a ser preparado. Dois anos depois, em 1877, "a seca dizimava populações inteiras no sertão. Familias sucumbiam de fome e de peste, castigadas por um sol em brasa, como diria mais tarde, no seu estilo pitoresco, o escritor d' "A Normalista". As manhãs sucediam-se cada vez mais tépidas, sem pinga de água, uma aragem leve, de cemitério, arrepiando a folhagem do arvoredo.

Um céu muito alto, varrido, monótono, indecifrável como um dogma". E nas ruas de Aracati, a miséria, a fome, a sêde, a dôr, acompanhavam aquela procissão de esqueletos cobertos de pele, que gemiam, oravam e se arrastavam demandando as margens do Atlântico.

Numa tarde adusta de verão, levavam ao cemitério para sempre, fechada em um caixão estreito, a mãi daquela prole da qual Adolfo era o primogênito.

Um tio generoso mandou buscá-lo do Ceará e fê-lo aluno da Escola Naval, no Rio de Janeiro. No contacto da mocidade requintada daquela época, êle muito sobressaia, assim pela sua desenvoltura física, como pela sua excêntrica personalidade. Branco, estatura normal, olhos vivos e brilhantes e cabeleira leonina. Era um tipo sedutor. "Dizem às vezes, conceitua Wilde, que a beleza é tão superficial como o pensamento. Quanto a mim, a beleza é a maravilha das maravilhas. Só as pessôas frívolas é que não julgam pelas aparências". Ressurge aqui o Principe dos Paradoxos. Mas Adolfo Caminha não era trivial, de vez que sabia compreender e admirar o seu galo de Apolo. Tanto que naquele dia, quando o céu chorava uma chuva leve sôbre Paris e Victor Hugo cerrava os olhos, estarrecendo o mundo civilizado com a sua morte, a Escola da Marinha elegeu Caminha orador oficial das homenagens que lhe foram prestadas. Diante do auditório, onde se achavam D. Pedro II e elementos exponenciais da cultura e da política, ainda com o entusiasmo da adolescência, êle fez o caloroso panegirico do construtor sobrehumano de "Legenda dos Séculos". Audaciosamente, em presença do Imperador, exaltou o espírito combativo, revolucionário e democrático do grande poeta. Com o seu verbo tentacular, que assombrava a assistência, Adolfo Caminha proclamava as suas idéias, que eram as mesmas idéias e teorias avançadas dos republicanos, que almejavam aniquilar o Império. Na verdade, foi um discurso impressionante e subversivo. A celeuma, porém, que provocou, foi, talvez, muito maior.

E' promovido, com a idade de 18 anos, ao posto de guarda-marinha. E aos 21, já segundo-tenente, é que inicia propriamente a sua vida literária. Como inelutável obsessão, impunha-se-lhe a

vocação de homem de letras. Estreia nas colunas da "Gazeta de Noticias", e as suas crônicas traziam a curiosa epigrafe de "Chibata". Quase sempre se transformavam em libélo contra o deshumano tratamento que a Marinha Brasileira infligia aos seus marujos. "Denunciou os horrores dos castigos de bordo, afirma um dos seus biógrafos, a truculência brutal da chibata aviltante, como um instrumento de punição de homens livres".

O seu cérebro afogueado estava arejado de pensamentos portentosos e, por isso, agia desabaladamente. Tudo o que vira e sentira nos Estados Unidos, foi publicado em artigos sensacionais, reunidos depois sob o título: "No país dos Yankees", relato da viagem do cruzador 'Almirante Barroso", aos Estados Unidos, sob o comando de Saldanha da Gama. Nessa época volveu à terra do seu berço, cercado de prestígio e coberto de glórias. Já a seca inclemente e abrasadora havia desaparecido. Foi então que uma diabólica aventura modificou-lhe o destino. O seu amor desperta violentamente, sacudido pela graça dominadora de uma mulher de irresistivel sedução.

Partem-se, nesta oportunidade, os mosáicos de sua vida. Belo como Endimião e elegante como Brummel, era disputado nos salões. Sob a cadência de valsas melodiósas, deslizava volutuosamente nos braços das lindas jovens, que morriam de paixão. Excelente conversador, êle podia repetir a célebre frase do prosador do "De Profundis": *I am king of life.*

Diferente de Stendhal, que ficava com senhoras recatadas na penumbra discreta dos gabinetes, a contar entre risos anedótas fesceninas, Adolfo Caminha, com uma só palavra cálida e eloquente, sabia provocar no coração das mulheres uma irrefreavel curiosidade. Sim, porque as mulheres não amariam se não fôsse a curiosidade. Póde-se afirmar que essas serpentes sem alma não conhecem o amôr, que é um dote masculino. Êsse fenômeno, que as mulheres erradamente denominam amôr, é apenas o reflexo das emoções que os homens lhes proporcionam.

Não discuto os defeitos dos escritores. Asseguro, porém, que a coragem é o símbolo do intelectual. Ademais, o que mais impressiona o homem de espírito é a beleza, tanto vale dizer, ninguem

é apologista da beleza enquanto, em sã consciência, não sabe o que seja a liberdade. Um homem que canaliza a sua consciência num princípio ou num dogma é um caso freudiano ou um indivíduo excepcionalmente corajoso. Estão na última hipótese Erasmo e Voltaire. Nenhum dêles, durante a vida inteira, deixou de ter a consciência limpa. Mas na época em que viveram, era notável e elegante ser alguma coisa, exceto judeu. E até israelita Voltaire o foi. Daí dizer-se que ambos trocavam de idéias como os ofídios mudam de escamas. Shakespeare, por exemplo, apreendeu a liberdade em seu sentido mais alto, por isso, à maneira de Lord Bacon, foi o criador perdulário de uma extensão miliardária de conceitos, sem nunca ter criado um assunto. Como quer que seja, nem sempre a liberdade, virtude positiva, é benfazeja à vida. Foi a liberdade, circundada das palavras república e democracia, que mais sangrou criaturas humanas nos rubros e tumultuários dias da Revolução Francesa. Foi também a liberdade que, entre os *snobs* ingleses, fez Oscar Wilde, o supremo sacerdote da beleza, arrastar as pesadas correntes do opróbrio no sombrio pátio do cárcere de Reading.

Adolfo Caminha, parodiando Balzac, parodiando D'Annunzio, parodiando Camilo Castelo Branco, rapta uma senhora casada, esposa de um oficial do Exército. "E a mais feroz, a mais indígna, a mais violenta das campanhas, desencadeia-se contra o casal feliz e principalmente contra o audacioso marinheiro. Procuram-no para eliminá-lo, dando-lhe caça como a uma fera". Essa paixão desvairada foi o começo da derrocada do seu destino. Escravizou-se àquela mulher de beleza sobrenatural a cujo fascínio não soube resistir.

Agora, decorrido mais de meio século da morte do escritor d' "A Normalista", não seria lícito indagar: — Foi crime o seu procedimento, abrindo o coração para acolher o amôr de uma formosa mulher?

E' certo que são arcáicas e desconformes as leis que repudiam essa atitude. Aos homens, a justiça de antanho condenava à morte; e as mulheres eram degradadas e mutiladas miseravelmente. Foi Jesus quem primeiro teve a coragem de fraturar o tabú nefasto,

quando os judeus, em legião, apedrejavam sem piedade Maria de Magdala, surpreendida em flagrante de adultério. Êle, o imaculado Nazareno, com a sua misericordiosa bondade, salvou a pecadora dizendo que aquele que se julgasse livre de culpa lhe atirasse a primeira pedra. E a multidão ficou imobilizada, porque não havia um só que estivesse isento da pécha infamante.

Hoje, nos países mais civilizados e onde predomina o espírito cristão, para esta enfermidade social já existe a terapêutica milagrosa: o divórcio. Sim, porque já era tempo de compreender-se que para êste delito, diferente do assassínio e de outros males que infestam e corrompem as sociedades, foram criadas leis reparadoras e humanas. O amôr, conceituou Lenine (e não vejam nesta citação qualquer dependência das minhas idéias às doutrinas e dogmas bolchevistas) o amôr é a afinidade biológica. Se está certo êste conceito definidor, que culpa tem o homem e a mulher, se são positivas as afinidades biológicas dos seus organismos?

A mulher por quem se apaixonara Adolfo Caminha era de uma beleza fascinadora. Branca como os lírios, olhos húmidos e expressivos, densa cabeleira crespa e sedosa cobrindo-lhe as orelhas, o nariz de lavor escultural, e os lábios sanguineos, que pareciam copiados de uma tela de Puvis de Chavannes. Quando sorria, iluminando-lhe o rosto de deusa, mostrava os dentes — verdadeiro colar de pérolas luminósas. Sacrificada por um irrefletido matrimônio, sentia-se como Prometeu, agrilhoado ao Cáucaso. Mas aquele Adonis a quem se entregara de corpo e alma, tinha também as virtudes de Hércules. Deu-lhe a liberdade e, em troca, sofreu as consequências do gesto heróico, enclausurando-se na tormenta do seu destino. Com estoicismo, jamais se lamentou da tresloucada atitude, nem mesmo quando a miséria, obstruindo-lhe os caminhos da vida, o desbaratara inexoravelmente. Êle talvez não ignorasse as palavras do maravilhoso estéta do "Retrato de Dorian Gray": "Nós temos uma vontade irresistivel de tocar em tudo aquilo que é sagrado". Adolfo Caminha profanou um lar inviolável. Para alguns, esta atitude é um pecado; para outros, um crime. Acima de tudo, porém, é o testemunho de uma admirável renúncia. Impenitente admirador de Victor Hugo, Caminha parecia ter a imagi-

nação embuida dos conceitos perigósos do mestre imortal: "A brutalidade do casamento origina situações definitivas, suprime a vontade individual, anula a escolha, tem uma sintaxe como a gramática, substitui a inspiração pela ortografia, torna o amôr um assunto ditado, derrota o misterioso da vida, inflige transparência às funções periódicas e fatídicas, tira o nebuloso aspecto que a mulher oferece em camisa, confere direitos despresíveis, tanto para quem os exerce como para quem os suporta, transtorna como um inclinar de balança todo para o lado, o encantador equilíbrio de sexo robusto e do sexo poderoso, da força e da beleza, e cria, aqui um senhor, além uma serva, ao passo que fóra do casamento o que há é escravo e rainha".

Mas naquela ocasião, entre dois fogos — o frenesí da paixão e o receio das emboscadas — Adolfo certamente não teve tempo de refletir se era escravo, herói ou condenado.

O epílogo precipita-se. Quatorze dias após, é chamado urgentemente ao Rio. Em Fortaleza, ocultou como um tesouro a senhora e dona de seus amores. Consegue na Metrópole uma licença e retorna ao Ceará. Entrementes, caiu por terra o Império e desfraldaram no país a bandeira da República. Seus companheiros do Clube Republicano, pondo de parte todos os preconceitos e visando sòmente a fulguração de sua inteligência, convidaram-no a participar dos jubilósos festejos em comemoração do grande evento. Nesta oportunidade, proferiu vibrante oração cívica, que logrou frenéticos aplausos da assistência, constituida de elementos friamente prevenidos contra a sua pessôa.

Em Dezembro de 89, relutando contra as férreas determinações do almirante Wandenkolk, solicita exoneração da Armada Nacional. Uma postura trágica de ousadia e desprendimento, censurada por amigos e parentes, que o classificaram de louco varrido. A verdade, entretanto, é que séria enfermidade o acometera, mas o almirante, na sua onipotência desbragada, manteve-se inflexivel, declarando que nenhum atestado médico seria tomado em consideração.

O preconceito rasteiro condena-o em toda a linha. Os parentes, que tanto se sacrificaram em cuidados e auxílios monetários

para elevar às supremas alturas aquele deus pequenino, de olhos azuis, que era o ídolo da família, contráem as mandíbulas, febricitantes de indignação e de ódio. Êles tinham razão. Mas um entendimento elástico compreenderia que é imutável o destino impresso no céu pelos astros ao nascer das criaturas. Tudo o acabrunha profundamente; e, para não sucumbir ao desânimo, sentiu que o leão encolerizado assomava dentro de si mesmo. Porque não se compreende que em um instante crucial de nossa vida, os nossos irmãos, os nossos amigos, se perfilem ao lado dos que miseravelmente nos atacam, apenas para demonstrar aparentemente que são bons, embora a covardia lhes congelasse o sangue da amizade. A multidão, em todos os tempos, sempre serviu para esconder os poltrões. Apoderando-se de um conceito de Ibsen, um célebre austriaco, genial condutor de homens, afirmou que o fórte só é fórte quando está sòzinho. E o ex-oficial de Marinha, julgando-se superior às contingências, isola-se completamente, vivendo apenas para o estudo e para os livros. Todavia, escasseia-lhe aquilo que representa o *leit-motiv* de toda a "Comédia Humana" — o dinheiro. Por isso, para conquistá-lo, submete-se a todas as humilhações, mesmo a de ser um simples praticante da tesouraria de uma Faculdade de Fortaleza.

O louro campeador estava esmagado. Ainda assim, sentindo a ternura do sorriso e o aroma dos cabelos sedosos da mulher amada, lê, escreve e realiza.

Em 1892, encaminha-se para o Rio; e, no mesmo ano, publica o seu primeiro romance, "A Normalista", livro entressachado de painéis realistas, focalizando a vida emaranhada de preconceitos da provincia cearense, livro flamejante, de facetas epigramáticas, ferreteando o ambiente corrupto da política e da sociedade. Estilo aliciante, deixando transparecer por vezes a alegria irônica da prosa do insígne autor de "A Ilustre Casa de Ramires", êste romance fez escândalo, excitando os nervos da burguezia cearense, que cobriu de injúrias o jovem escritor. Mas Adolfo Caminha não se deixou abater. Um ano mais tarde escreveu o "Bom Creoulo", romance naturalista, que lhe definiu a posição na literatura brasileira. O eminente escritor Pericles Moraes, em seu livro "Coelho Netto e

sua obra", referto de erudição literária, assim descreve os lances dêsse movimento, que tanto influenciou, em sua época, as nossas letras: "Entrementes, da França, transplantadas em migrações periódicas através da obra de Zola, as correntes naturalistas avassalavam a nossa literatura, conquistando prosélitos. Aluísio fizera-se o pioneiro da nova escola e, desde 1881, com "O Mulato", livro de escárneo e de revolta contra o clericalismo e o preconceito, e depois com "O Cortiço" e "A Casa de Pensão", implantava corajosamente a fórmula inovadora, destruindo as últimas muralhas de resistência. Não era, contudo, um grande pontifice o mestre do naturalismo no Brasil, que não aliava em suas notáveis faculdades de colorista e observador às de amoroso da língua, desnaturada pelo seu estilo inestético e descuidado, com desvios tortuósos e ingramaticais. Júlio Ribeiro definia-se pelos processos do autor do "Germinal", dando-lhes, porém, consistência e estrutura vernácula. Adolfo Caminha, o malogrado prosador cearense, impunha-se às simpatias intelectuais do país com "A Normalista", e destacava-se como discípulo de raça da escola em formação, depois da publicidade dêsse livro impressionante do "Bom Creoulo", pintura patológica de esmerado acabamento".

Mas, nesta altura de nossa digressão, somos levados a novos rumos e a outras indagações. Foi, devéras, o naturalismo uma escola literária ou uma das modas passageiras da França? Ninguem desconhece que Paris foi sempre a Castália alucinante das novidades, que se germinaram em seu coração. Que é, afinal, o naturalismo, tão velho como o homem, que durante tantos séculos continúa a ser o mesmo? Se não envolve mais o corpo em peles, porque se veste com elegante casaca, comete ainda os mesmos delitos. Já se observou que o vocábulo naturalista não possui um sentido perfeito. Dependendo do ângulo em que o tomamos para discutí-lo, o naturalismo póde ser filosófico, cientifico, social e, para grande espanto da maioria, também teológico. Nesta última hipótese, êle atinge as raias do absurdo: em certos pensadores, essa escola afirma a existência do sobrenatural; em alguns escritores, põe em dúvida; em outros ainda, escalpela com rudeza, nega a influência de qualquer coisa que não seja a matéria, não acredita

na existência de Deus e, por essa fórma, se reduz a nú e despresivel materialismo, como o que pejou as letras de Epícuro, Lucrécio e, nos tempos modernos, as de La Mettrie e dos gloriósos enciclopedistas franceses. O materialismo em si, na realidade, é contraditório. Seria para escandalizar-nos se a natureza também não o fôsse. Acaso haverá algo de mais incongruente, insensato e de exasperante ilogismo do que a natureza? Não lhe pertencem todas as espécies de vibrações morais: o orgulho, a ambição, o despotismo, a crueldade, a tirania, a avareza, a luxúria, o rancor, a inveja — e toda a gama de instintos e paixões? E não somos eleitos, cada um de nós, para um dêstes caracteres?

Nada obstante, Jean-Jacques Rousseau e Tolstoi estiveram sempre acordes em acusar a sociedade, apontando-a como a culpada única e exclusiva das taras perniciósas caracteristicas do genero humano. Porque (assim pensam errada ou maliciosamente os dois renomados pensadores europeus) o homem seria um bom, se vivesse ensimesmado, sem sociedade, sem autoridade, sem lei, sem preconceitos absurdos.

O naturalismo penetra triunfalmente em todas as artes, conservando os seus fundamentos milenários, embora, vez por outra exibindo novos conhecimentos. Desde os tempos mais remotos, na aurora da arte, o naturalismo esteve presente nas inteligências superiores, cuja imaginação criadora perdura no mármore e nas belas letras, renovando-se apenas, no rolar dos séculos, em seus processos de observação e análise. Sim, porque a natureza além de prescindir em absoluto de toda a lei moral é a fonte suprema de imitação e inspiração. Em verdade, a natureza só proporciona arte quando se espiritualiza. E nunca o mundo foi tão espiritualizado como no tempo do paganismo grego, cuja sutileza estética fez criar fadas, sílfos e ondinas. E o cristianismo, mais universal, anima radiosamente tudo com a presença de Deus e o espírito do homem.

No último período do século passado quem melhor interpretou o materialismo foi Zola. Pontífice supremo da escola que fundara, ditou leis e controlou o seu movimento, que nada mais era do que

uma paródia ao espírito social e político dos passados românticos. Mas nem por isso deixou o autor da "Besta Humana" de ser um artista excepcional. D'Annunzio, Eça de Queiroz e Blasco Ibanez deixaram-se influenciar profundamente pela novidade francesa, a ponto de imitarem e divulgarem em suas pátrias os postulados da escandalosa escola.

Escritor naturalista denomina-se aquele cuja pena e a imaginação têm o poder de desvendar os segredos da natureza, colocando sob os nossos olhos tudo o que de misterioso encontra nas coisas, despertando, ao mesmo tempo, em nossas almas um sentimento de emoção ou um pensamento conduzindo-se em diretrizes diferentes.

Adolfo Caminha não transgrediu a regra. Em "A Normalista" e no "Bom Creoulo", que nos faz recordar o "Barão de Lavos", da galeria de estudos de patologia social do escritor português Abel Botelho, revelou-se um prosador de raros predicados de estilo, um psicólogo sereno e um agitado animador de idéias. Os tarados, os homo-sexuais vivem nos seus livros, sem que fôssem exageradas as suas lamentáveis anomalias. Conversam, respiram, provocam piedade e chegam até à sutileza de serem engenhósos. Outro livro de sua autoria, expondo em tese um enredo encantador, é "Tentação", em cujas páginas delicadas atravessa uma linda burguezinha provinciana, de caráter nobre, que resiste galhardamente às seduções dos Lovelaces de esquina. Êste livro é uma deliciósa paisagem dos últimos dias do Império, que deslumbra o espírito em todos os sentidos, através dos diálogos animados, situações interessantes e desfechos inesperados. O assunto é desenvolvido com segurança surpreendente, e a sua prosa, trabalhada com elegância e simplicidade de linguagem, é o espelho de sua cultura generalizada.

Adolfo Caminha, póde-se dizer, é um lutador de alta têmpera. Não ignora que a conquista da glória não se processa sem luta e sem trabalho exaustivo. Escreve contos, traduz o teatro de Balzac, lança as bases de duas obras de fôlego : "Angelo" e "O Imigrado", que até hoje continúam inéditas. Quando chegou ao Rio, colaborou assiduamente na "Gazeta de Noticias". Por essa ocasião, revelou-se um espadachim desassombrado, e os libelos incendiários que mais tarde reuniu em "Cartas Literárias", assinadas com as iniciais

C. A. foram por muito tempo tomadas como da autoria de Capistrano de Abreu. Só esta suposição bastaria para provar o tamanho da inteligência e da cultura do prosador de Aracatí. Leio em um dos comentaristas do seu tempo: "provocou escândalo o seu nome entre os magnatas das letras. E, assim, foi-se aos poucos trancando dentro de um tenebroso reduto, isolado, temido e odiado".

Eis aí, em linhas rápidas, o esboço da vida e da obra do grande patrono de minha cadeira. Intencionei erguer-lhe um monumento, mas o escopro do escultor restringiu-se às limitações de sua inteligência sem surtos e sem aqueles elementos preponderantes que ilustram o espírito humano. Procurei realizar um retrato que contivesse em suas perspectivas a sintese cruciante de uma existência, onde o homem se sobreleva aos impulsos do seu temperamento e de sua sensibilidade. Não logrei — ai de mim! — fixar siquer um bosquejo inexpressivo, que o revelasse na sua exata posição nos domínios da literatura contemporânea. Malograram-se todas as tentativas do preliador derrotado. Que me perdôem os senhores acadêmicos! Que perdôem a audácia do neófito atrevido, que pretende sentar ao vosso lado, ao lado dos luminares da cultura amazônica, sem as credenciais que justifiquem a sua aspiração. Puro autodidata, que lê, aprende, observa e escreve sem outro auxílio que não o do seu próprio esforço, incorrigivel diletante das letras, que ama os livros e as idéias sôbre todas as coisas, eu fio que o vosso coração generoso há-de relevar as deficiências de quem tudo fez para conquistar as palmas de ouro da vossa tolerância e dos vossos aplausos.

* * *

Antes, porém, de encerrar esta mensagem de amizade e reconhecimento, que eu vos envio nesta festa do jardim de Academus, não me sentiria apaziguado com a própria consciência, se não assinalasse nesta hora a minha imensa gratidão à nobre Companhia, que não se satisfez apenas em eleger-me, animando e estimulando o idealista impenitente que ainda crê e se devota às letras como a suprema aspiração do espirito. A sua benevolência excedeu-se ainda mais, quando, para saudá-lo, designou, sem atentar no senso

das proporções, a um dos seus valores aureolados: o eminente professor Félix Valois Coelho.

Não sei de maior glória para um plumitivo das letras. Poeta, escritor e filólogo, Valois Coelho, em toda a Amazônia, vale por um simbolo flamejante de inteligência e de cultura. O seu espirito é um programa de ação e de combate, que se afirma no mundo especulativo, denunciando-lhe a vocação de pensador. Vernaculista e pedagogo, não há quem lhe desconheça assim o equilibrio de sua visualidade critica, como o seu pendor de mestre de gerações, que florescem e que se plasmam à influência dos exemplos de um beneditino apostolado.

Conforta-me a certeza, senhores Acadêmicos, de que, sob o alto patrocinio do seu nome consagrado, ingrésso galhardamente no maravilhoso Cenáculo, cujas preclaras tradições marcam os seus novos itinerários de triunfos e de glórias.

DISCURSO DO ACADÊMICO FELIX VALOIS COELHO

SENHOR MOACYR ROSAS:

Rosas foi a senha escolhida para o bivaque intelectual desta noite.

Explica-se: além de trazerdes a olorosa palavra na expressão onomástica, revelais amiúde, nas vossas produções, a paixão das flores, especialmente das rosas, tal como Bilac foi o obcecado confidente das estrêlas, que, frequentemente, cintilam e marcham, esmaecem e ressurgem na obra do excelso pontífice do Parnaso.

Assim, na *Tese de Amor*, onde consubstanciais as *Memórias de Adônis*, pondes na boca do escultural mancebo esta narrativa do seu transe final, entre os dentes do vingativo javali: "No momento em que agonizava... Venus querida veio em meu socôrro, porém, sua carreira tresloucada, pelos roseirais, ferio os delicados e ebúrneos pés os quais deitavam sangue a valer, ensopando as rosas de impoluta brancura. E' desta ocasião que surgio a família das rosas escarlate".

Na interessante fantasia *Clara*, fazeis falar destarte à namorada, ébria de beijos: "Sou tão feliz quando estou contigo, que, muitas vezes penso que será a duração disso como a vida das rosas ou das borboletas"; e, na mesma história, páginas adiante, enquanto imaginais, com peregrina felicidade, que "o campo corre pela planície e empina-se pelos montes", colocais no chão dêsse campo "aquela alfombra verde bordada de rosas".

Discorrendo a respeito de Alma Flora, dizeis que "a mimosa atriz era tão bela como a fenomenal rosa purpurina que nasceu do canto e do sangue do rouxinol, de que nos fala Wilde". E ao Teatro Amazonas, quando o vêdes repleto das "mais encantadoras flores da nossa elite", as quais se comprimem no afã de admirar e aplaudir a feiticeira princesa da ribalta, ao nosso teatro, dizíamos,

vós o comparais então com "uma portentosa e multicor corbelha, cujo seio dá logar a tôdas as deliciosas castas de flores — a camélia alabastrina, a singela rosa branca, a rubra rosa passional, a miosótis, o mirto, o jacinto, a tulipa, o veludinoso amaranto, o sanguíneo gerânio, corimbos de hortência, o cândido lírio e mais ainda tôdas as flores americanas".

Agora mesmo, no discurso que vindes de proferir, conceituais a literatura "o mais *rosado* pomo do arejado e paradisíaco jardim do entendimento humano"; e declarais imaginar os escritores de vossa predileção "repousando em alfombras de rosas".

Sempre o enamorado das flores. A cada passo o devoto das rosas.

Bem inspirada, portanto, a senha para os nossos trabalhos de hoje, até porque a rosa é a rainha das flores.

Mas "é preciso compreender", escreve Machado de Assis, "que não há rosas sem espinhos, e que a rosa da arte é a primeira das rosas compreendidas no adágio".

Com efeito, raramente se depara uma roseira sem êsses incômodos adminículos. E, pois, como rosa evoca naturalmente espinhos, a nossa contra-senha para esta hora estava lògicamente indicada : *espinhos*.

A Academia inculcou a senha, sufragando o vosso nome; a contra-senha ditou-a Péricles Morais, designando para saudar-vos o mais obscuro dos membros do sodalício.

Não se pense, porém, não penseis vós, senhor Moacyr Rosas, haver nisso entrado um cálculo malicioso do mestre Péricles. Não! O nosso Presidente, que, pelo comprovado amor às letras, merece ter o nome ligado a um longo período de vida espiritual amazonense, como o homônimo grego legou o seu ao mais brilhante século da espiritualidade helênica, — Péricles Morais, dizemos, dos pináculos da justa glorificação, só irradia bondade. Nele a palavra de incentivo acompanha sempre o gesto paternal da mão, que é, invariàvelmente, a de um Mecenas amparando Virgílios incipientes, ou a de um Virgílio aureolado procurando incubados Dantes, para guiá-los na rude peregrinação do pensamento.

A designação do orador para dar-vos as boas vindas obedeceu aos ditames de um postulado trivial: a perfeição absoluta é predicado peculiar da Divindade; as assentadas do silogeu amazonense, pelo cunho de elegância cultural que as vem caracterizando ultimamente, têm atingido as raias de verdadeiros torneios olímpicos; era preciso fazê-las baixar, momentàneamente, ao nível das imperfeições humanas. Eis como se justifica a presença, nesta tribuna, do humilde confrade, que, entretanto, se ufana da honrosa incumbência de traduzir o júbilo da Academia em receber-vos. A inexpressividade das frases, a palidez das idéias, tomai-as como imperativo das circunstâncias: são uma parte dos acúleos dos vossos roseirais.

Uma parte apenas, porque outra porção vós próprio a trazeis. Sois homem que, palmilhando por diletantismo, como afirmais, a senda das letras, perlustrais habitualmente os caminhos da ciência. E a ciência apresenta o seu lastro inçado de aguilhões.

Talvez por lidardes de cotio com aceradas farpas, não se vos dá de as espalhardes a êsmo, como se, embocando *tuba canora e belicosa,* lançásseis desafio a *tout ce que l'Espagne a produit de vaillant.*

E' assim, por exemplo, quando, na vossa oração de agora, espargís perdulàriamente as rosas de uma dissertação vivaz, conservando-lhes, aqui e alí, o hastil eriçado dos apêndices picantes, como acontece no passo em que negais à mulher os flúidos divinos do amor, e na outra passagem, onde encomiais o divórcio.

Quanto àquela negativa, deixamo-vos o honroso encargo de justar contas com as distintíssimas damas aqui presentes, sem nos furtarmos, contudo, a lembrar-vos a falange imensa de mães, espôsas, irmãs, filhas, noivas, enfermeiras, ou simples cidadãs, — teória sublime que a história, as crônicas e a tradição oral nos apresentam indo, aos impulsos gigantescos do amor — da santidade ao heroismo e do heroismo à temeridade. Lançai uma visada, desde a Virgem Imaculada de Nazaré até à anônima compatrícia nossa, que o noticiário da imprensa regional nos mostrou, há tempos, arrojando-se ao vórtice das águas, para ir arrancar da boca de medonha fera, na imensidão hiante do Solimões, o corpo estraça-

lhado de um filho querido. Sentir-vos-eis, de certo, atingido pelo ardor da sagrada chama, que destruirá, sem dúvida, êsse quinhão de acicates que reservastes ao belo sexo.

Respeito ao divórcio, entendemos que êle só poderia ser a *terapêutica milagrosa,* como lhe chamais, se o amor fôsse simplesmente a *afinidade biológica,* segundo dizeis. O amor, todavia, é alguma coisa mais do que isso: é também eleição espiritual.

Admitindo pudesse o divórcio oferecer-se como remédio providencial em certos casos, efetivamente lastimáveis, onde os meios de evitar-lhe os abusos? Nas precauções legais? — Seria ingenuidade acreditá-lo. Por mais prudente que seja uma lei, chegando mesmo a pecar pelo excesso de rigorismo, não faltarão modos de ilaqueá-la, de contornar-lhe as exigências, de burlá-la, enfim.

E' que, se podemos aceitar o aforismo de Spinosa — HOMO HOMINI DEUS, não devemos refugar sumàriamente o brocardo de Hobbes — HOMO HOMINI LUPUS.

Sim, o homem se tem alcandorado ao sólio de Deus do homem. À frente o adorável Mártir do Gólgota remindo do cativeiro moral a humanidade inteira, vemos desfilar a luzida coorte de abnegados obreiros do bem, logrando — no recesso dos gabinetes, no recôndito dos laboratórios, no esconso das oficinas — descobrir, sob a inspiração do Sumo Criador, meios de alargar desmesuradamente o poder de ação e de defesa da criatura humana, permitindo-lhe: vasculhar o seio infinitamente pequeno do átomo e esquadrinhar os contornos e surpreender as evoluções das inimagináveis grandezas siderais; espiolhar as profundezas abismais das águas e varrer a monstruosidade espacial do éter: triunfar sôbre as pestes, as endemias e epidemias, graças ao conhecimento das causas mórbidas e descobrimento dos meios de obstar-lhes os efeitos; arrasar, mercê da imprensa vulgarizada, os redutos de odientos privilégios sociais; aproximar os quadrantes do globo, mediante o telégrafo, o telefone, a televisão e o rádio. Pode a humanidade orgulhar-se de um Claude Bernard e um Cuvier; um Lavoisier, um Pasteur, um Oswaldo Cruz e um Cesar Lattes; um Marconi e um Edison; um Graham Bell e um Morse; um Galileu, um Kleper e um Newton; um Bartholomeu de Gusmão e um Santos Dumont;

um Guttenberg; um Stephenson e um Fulton, além de outros muitos taumaturgos.

Infelizmente, entretanto, o reverso da medalha exibe-nos o homem no triste papel de lobo do homem. E' assás vultoso, superior, talvez, em número, ao primeiro, o exército daqueles que encarnam o lado pavoroso do bípede racional. Eis, ardendo no braseiro da execração universal — Efíaltes, condes Julianos, Neros, Calígulas, Tibérios, Robespierres, Saints-Justs, Torquemadas, Ximenes, Ravaillacs, Maquiavéis, Fouchés, *et magna caterva*, monstros para quem a pátria, a família, a sociedade, a virtude, a inocência, a dignidade humana, tudo que é nobre, — deve enlaçar-se com as mais repugnantes torpezas e perversidades, tecendo a escada por onde êles querem subir aos píncaros da sua hedionda celebridade, com o manto rubro de sangue e a alma escachoando veneno, sangue e peçonha em que a humanidade se afoga e se debate, clama e agoniza, qual se encarcerada nos terribilíssimos círculos do inferno dantesco.

O patrono de vossa cadeira é Adolpho Caminha. Acertada escolha. Êle e vós seguís as pegadas de Balzac e Zola. Ambos militais nas hostes realistas, conquanto vós não tenhais ainda, felizmente, mergulhado (e praza aos céus não venhais a fazê-lo) nos exageros a que a escola conduzio alguns dos seus sectários, como, entre nós, Júlio Ribeiro, que manchou os florões de sua linguagem tersa e fluente empregando-os na urdidura dêsse produto alcatroado — A CARNE, justiceiramente alcunhado, por um crítico, de *carniça* e, por outro, tachado de "parto monstruoso de um cérebro artisticamente enfêrmo".

Adolpho Caminha, quiçá devido às desgraças que o assoberbaram, perdeu a linha de equilíbrio; resvalou, literàriamente, "nos lôbregos desvãos da infrene orgia", se nos é lícito aproveitar a frase de um escritor patrício. Em que pese à autodefesa inserta nas *Cartas Literárias*, a verdade é que o romance *A Normalista* contém episódios susceptíveis de apresentar-se menos cruamente, reduzido o luxo das minudências: tal o daquele colóquio noturno entre o guarda-livros Loureiro e Lídia Campelo, no qual o lascivo noivo quer passar, e realmente passa, dos beijos atrevidos a liberdades outras mais censuráveis... O caso da infelicitação de Maria do

Carmo, pelo asqueroso padrinho, dispensaria muitos dos pormenores aduzidos, sem, com isso, perder a côr realista própria. Certos termos empregados, de referência ao estado social do amanuense João da Mata, bem como algumas expressões proferidas por sua companheira, D. Teresinha, no curso de discussões azedas, ferem desabridamente os ouvidos de leitores, e principalmente de leitoras, nortistas.

Bom Crioulo teria sido, vantajosamente, suprimido da bagagem literária do torturado cearense. Essa história escabrosa de dois casos de teratologia moral tem cheiro de sargeta e gôsto... gôsto de fel.

Sôbre as *Cartas Literárias* pouco haverá que dizer. E' livro quase todo de crítica; e na crítica impende respeitar a opinião pessoal do analista, muito embora nem sempre concordemos com ela.

TENTAÇÃO afigura-se-nos, entre os romances do antigo oficial da marinha, o mais equilibrado, aquêle em que o autor, sem abjurar os cânones de sua escola, se mantém num meio termo sensato.

Nesse livro, portanto, se podem aquilatar as qualidades do escritor e apreciar-lhe o estilo, que — ora desce do trivial ao rasteiro, ora se alçaprema até à musicalidade poética dos períodos, desbordando, por vezes, em hipérboles nem sempre felizes, e descaindo, alquando, em gongorismo anacrônico.

Os sentimentos e o caráter das figuras centrais da obra são surpreendidos em linhas exatas, à proporção que a leitura progride, e só incidentemente o escritor se detém a debuxar diretamente um retrato, como ao plasmar o vulto, físico e moral, de Luís Furtado:

> "Belo, verdadeiramente belo, ninguém o diria, sem risco de profanar o ideal antigo da beleza máscula; no entanto, podia dizer-se dêle que era, na acepção moderníssima, um *bonito homem*... Mas a qualidade característica do Secretário do Banco Industrial era o amor às mulheres, uma tendência notável para as conquistas de *boudoirs*, para o livre câmbio de afeições delicadas, para o culto imoderado de Vênus".

Pôsto ressalte aí um espécimen de tirada gongórica, na repetição desnecessária de expressões equipolentes, — não há negar que

essa *qualidade característica* relevada fixa magistralmente um tipo psíquico, sabendo-se que Furtado é casado e desfruta posição saliente na sociedade metropolitana, relacionado até com a família imperial.

Quão digna de Furtado era a respectiva espôsa, Caminha o demonstra numa pincelada rápida e incisiva, relatando êste conselho dado por dona Branca a Adelaide: "...que o luxo nada tinha com a honestidade de uma senhora, desde que ela se portasse bem..., *ao menos aparentemente*".

Quanto a Adelaide, personagem culminante da história, encarnação da virtude conjugal temperada na rija forja dos costumes provincianos, — o livro todo é um caleidoscópio no qual avulta o perfil dessa matrona excepcional, jovem, sadia e bonita, sem deixar-se vencer, sem se eclipsar um só momento no vórtice das tentações, que — no exterior esbraseiam, crepitam, chamejam, fervem, turbilhonam, e, no íntimo, rugem, rangem, remordem, remoinham. E' um avatar de Penélope, com a circunstância ponderável de que Adelaide não estava, como a mulher de Ulisses, recolhida na placidez da mansão patriarcal, mas, ao contrário, atirada, sem o amparo de um Mentor, na voragem de uma cidade tentacular, onde os alçapões traiçoeiros pululavam em cada esquina, em cada casa, em cada sala.

Evaristo, o bacharel marido de Adelaide, a projeção mesma das qualidades peregrinas de sua consorte lhe põe em evidência a alma simplória, voltada de preferência para o lado material da vida, amando sinceramente a companheira de seus dias, mas incapaz de ver e atalhar os perigos a que ela estava exposta, na convivência de um D. Juan perigoso, disfarçado em amigo de infância do ingênuo advogado.

Focalizemos alguns lances altaneiros do literato nordestino, respigados nesse mesmo romance *Tentação*.

Para indicar o desespêro dos cortesãos pobres, impossibilitados de acompanhar a família imperial, no veraneio, a Petrópolis, o romancista diz simplesmente que êsses miseráveis ficavam *num alvorôço de formigueiro incendiado*. Impossível melhor imagem

para patentear a tortura dos que preferem o fausto artificial ao viver modesto que a realidade aconselha. A fôrça contagiante do boato se exprime admiràvelmente, comparada ao *furor de incêndio.* E' a demolição, o arrasamento, a ruina irreparável, a subversão irrecorrível.

De par com êsses rasgos de aticismo vigoroso, surgem assomos poéticos, não menos dignos de nota.

Aludindo à alegria que empolgava, no Jardim Botânico, aos participantes de costumeiros convesvotes, o pensador se externa:

> "Risadas estalavam num castear argentino que se ia perder nos longos da mata, ecoando em ondas sonoras de uma cristalinidade musical".

Aí está verdadeiro trecho de sonata beethoveniana, alando-se num *crescendo* largo, para descair num *rallentando* embevecedor, cujo fêcho magnífico foi o período terminado por vocábulo oxítono, alardeando a diafaneidade do ambiente e a translucidez das almas, nesse *a* vibrante da última sílaba.

> "Pompeavam estranhas florações no recesso da mata e um hino misterioso parecia levantar-se da natureza ao astro fecundante que ressurgia com o seu esplendor incomparável de rei absoluto".

Dessarte o escultor da frase estereotipa o espetáculo da manhã dealbante no mesmo logradouro. E' uma fotografia da natureza despertando, excitada pela dolente cavatina de um sonho delicioso, aos ósculos comburentes do amante sideral.

Não é oportuno, nem está em nosso propósito, esvurmar aqui as imperfeições do artista. Seus deslises não são poucos; e entre êles sobressaem as aberrações sintáticas.

Isso, porém, se lhe mareia o cimélio intelectual, não lhe desmente as qualidades de observador arguto, e hábil encadeador de enredos.

* * *

SENHOR MOACYR ROSAS:

Estais em boa companhia. A afinidade espiritual que vos liga ao vosso patrono levar-vos-á, por certo, a seguir-lhe a trilha de labor e tenacidade. A vossa inteligência môça pode conduzir-vos a demonstrar que, filiados a qualquer grei literária, podemos construir alguma coisa útil, reparando os efeitos daninhos da atuação dos dissolventes iconoclastas.

A Academia Amazonense de Letras vos recebe de braços abertos, confiante em que sereis mais uma atmosfera de oxigênio, necessária a manter acesa a chama sagrada do ideal, hoje, infelizmente, tão chasqueado pelos impenitentes campeões do utilitarismo grosseiro, que ameaça arrastar a Pátria aos abismos da desagregação e consequente anarquia.

Sêde benvindo!

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA